

## Rock/Metal em Montes Claros-MG: uma cena cosmopolita

Tiago de Quadros Maia Carvalho

**Resumo:** A cena do rock/metal em Montes Claros-MG, existente desde a década de 1950, apresenta-se num discurso diferenciado do que se diz “tradicional” nessa cidade. Mesmo assim, pode-se dizer que ela está em constante negociação com outros mundos musicais montes-clarenses. Esse “afastamento” remete à ideia de cosmopolitismo (Turino 2003), relacionada a comunidades com discursos que se dizem “à parte” da dinâmica local. Assim, para Thompson (1999), a recepção e ressignificação de elementos que circulam em fluxos globais de pessoas e informações (Slobin 1992) gera certo afastamento simbólico de onde se faz parte, permitindo o questionamento e modificação de paradigmas culturais vigentes. O presente trabalho discutirá a cena do rock/metal em Montes Claros-MG e sua ligação com práticas, elementos e processos remetentes a ideia de cosmopolitismo, bem como de afastamento simbólico. Para tanto, serão apresentados os dados resultantes de uma pesquisa realizada entre os anos de 2008 e 2011 (Carvalho 2011), contextualizando a cena do rock/metal e a sua dinâmica social. Em seguida, serão discutidas as bases teóricas do trabalho. Com base nesses marcos, far-se-á uma breve análise das práticas musicais/sociais desse contexto, evidenciando traços que indiquem uma comunidade cosmopolita. Conclui-se, portanto, que a prática musical desse contexto – refletida em repertórios, organização social, figurinos, comportamentos, iconografias e posicionamento mercadológico – é marcada pelo embate de concepções entre mundos musicais da cidade, indicando contatos nesse espaço, apesar da noção de desligamento das “tradições” da cidade ou de afastamento simbólico.

**Palavras-chave:** Cena do rock/metal em Montes Claros-MG; Cosmopolitismo; Afastamento Simbólico.

**Abstract:** The scene of the rock / metal in Montes Claros, Minas Gerais, in existence since the 1950s, presents itself in a different speech than what is called "traditional" in that city. Still, one can say that it is in constant negotiation with other montes-clarenses's musical worlds. This "separation" refers to the idea of cosmopolitanism (Turino, 2003), related to communities with speeches that say itself "apart" in the local dynamics. So to Thompson (1999), the reception and redefinition of elements that circulate in global flows of people and information (Slobin, 1992) generates certain symbolic remoteness of where one belongs, allowing the questioning and modification of existing cultural paradigms. This paper will discuss the scene of the rock / metal in Montes Claros, Minas Gerais and its connection with practices, elements and processes related to the idea of cosmopolitanism, and symbolic remoteness. To this end, we will present the data resulting from a survey conducted between 2008 and 2011 (Carvalho, 2011), contextualizing the scene of rock / metal and its social dynamics. Then, the theoretical basis of the work will be discussed. Based on these marks, a brief analysis of musical practices / social this context will be made, highlighting traits that indicate a

cosmopolitan community. We conclude, therefore, that the practice of musical context – reflected in repertoires, social organization, costumes, behaviors, iconography and market positioning – is marked by the clash of ideas between musical worlds of the city, indicating contacts in this space, although the notion of disconnection of the "traditions" of town or symbolic remoteness.

**Keywords:** Montes Claros, Minas Gerais Rock/metal scene; Cosmopolitanism; Symbolic remoteness.

## Introdução

Montes Claros é uma cidade localizada ao Norte do estado de Minas Gerais e tem em seu escopo uma grande quantidade de manifestações musicais que são representativas de modos de “viver” e “ser” montes-clarense. Entre tantas, podemos encontrar grupos de congado, serestas, folias de reis, que se apresentam em visitasões, cortejos, festas populares. Tais grupos, alinhados com uma cidade que vem crescendo em perspectivas econômicas, representadas pelo grande fluxo rodoviário, bem como o avanço no setor do comércio, indústria e prestação de serviços, também vem alterando modos de concepção musical, social e, por conseguinte cultural. Dessa forma, os cortejos – hoje em dia – acontecem com a ajuda da prefeitura, que agrega as manifestações acima citadas a festas de cunho político-cultural, os grupos de seresta se apresentam em shopping centers, as folias entram em embates com movimentos da renovação carismática católica, que nem sempre aceita tais manifestações no cotidiano da igreja. Música e cultura, portanto, adquirem perspectivas que antes não eram tão prementes e, além de processos que são reflexos de concepções da vida humana, se tornam recursos e meios de sobrevivência frente a uma sociedade em constante fragmentação:

(...) o papel da cultura expandiu-se como nunca para as esferas política e econômica, ao mesmo tempo que as noções convencionais de cultura se esvaziaram muito. Em vez de focalizar o conteúdo da cultura – ou seja, o modelo da melhoria (segundo Schiller ou Arnold), ou da distinção (segundo Bordieu), tradicionalmente aceitos, ou a sua antropologização mais recente, como todo um meio de vida (Williams), segundo a qual reconhece-se que a cultura de qualquer um tem valor – talvez seja melhor fazer uma abordagem da questão da cultura de nosso tempo, caracterizada como uma cultura da globalização acelerada, como um recurso. (...) eu gostaria de frisar desde já é que a cultura está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica, ou seja, para aumentar a sua participação nessa era de envolvimento político decadente, de conflitos acerca da cidadania (...) e do que Jeremy Rifkin chamou de “capitalismo cultural” (Yúdice, 2006: 25).

De certa forma, cultura, na perspectiva de Yúdice e aplicada ao contexto das manifestações populares na cidade de Montes Claros adquire um status de algo que

pode ser percebido – e usado – também no âmbito econômico e político. Assim, sobreviver em redutos como Montes Claros, que vem se “urbanizando” constantemente desde meados da década de 1950 indica se adaptar a essa realidade que se modifica estruturalmente, socialmente, politicamente.

Os gostos musicais em Montes Claros articulam com o papel mutável da música num contexto social mutável. Como sua população variada experimentou uma mudança de um contexto rural e tradicional para um industrializado e moderno, as vias para as práticas musicais e interação social mudaram de serenatas para saraus, para concertos (sapateado) e bailes, e assim para bares e pizzarias. As preferências musicais mudaram de modinhas e valsas para boleros e samba-canção, então para música sertaneja, rock brasileiro e música romântica (Ulhôa, 2000: 16)<sup>i</sup>.

Juntamente com esse fenômeno, pode-se perceber outros meios pelos quais se encontra música, ligados com incursões midiáticas, religiosas ou mesmo político governamentais. Nesta última, em se falando de Montes Claros, há o conservatório e a universidade pública da cidade, mantidos pelo governo de Minas Gerais e que são responsáveis por um grande reduto de música de concerto na cidade e no Norte do estado. Já na esfera da música que se propaga na esfera midiática – e qual não se propaga nos dias de hoje? – há uma variedade de grupos, de comunidades que se agrupam por gostos, por estratégias de significação, pela busca de identificação, processos pautados diretamente com o consumo musical. Esse consumo se dá, principalmente, através de fonogramas, rádio e tele difusão, além da internet, cinema, entre outros. Dessa forma, é possível encontrar várias manifestações na cidade que se valem desses processos, mas que se apresentam como mundos musicais distintos. Assim, o referido “consumo musical” é base para a escuta, para a composição do gosto musical e para práticas, relativas ao tocar e ao desenrolar social que isso implica. É o caso de grupos de pagode, bandas de forró, duplas sertanejas, músicos de bares, bandas de baile.

Entre tantos meios, tantos mundos que compartilham de canais de produção, veiculação e distribuição musical, destaca-se, neste trabalho, a cena do rock/metal de Montes Claros, um mundo musical prolífico que se articula desde finais da década de 1950. Por se tratar de uma comunidade musical em constante modificação desde o seu surgimento, além de multifacetada em suas estruturas internas, sua história, dinâmica, bem como sua composição social remetem a um grupo que reflete modos de concepção cultural e, por conseguinte, musical, ligados com o que Turino (2003) chama de “formações cosmopolitas”<sup>ii</sup>. Não apenas isso, mas essa noção de cosmopolitismo é apresentada a partir de certo afastamento simbólico (Thompson, 1999), advindo do

consumo, apropriação e ressignificação de materiais musicais que circulam em fluxos globais de informação (Slobin, 1992). Ainda considerando a ótica de Turino, entende-se que a “globalização” não gera resultados necessariamente homogêneos e que os grupos cosmopolitas são, geralmente, parte de uma comunidade maior, mas não o todo. Sendo assim, este trabalho busca identificar as principais práticas, aspectos e processos que demonstrem a cena do rock/metal em Montes Claros como uma comunidade cosmopolita, ligada com aspectos do que se chama de “globalização”. Para tanto, far-se-á uma breve descrição do que venha a ser essa comunidade em seus quesitos contextuais (socioculturais), mercadológicos e musicais.

### **Rock/Metal em Montes Claros**

Rock – e metal –, como outros gêneros musicais que têm espaço cativo em práticas montes-clarenses, não necessariamente são oriundos, como tais, de redutos musicais da cidade. Diferente de grupos que se pautam na transmissão oral – entendendo assim a perspectiva do que venha a ser a cultura que se pauta na transmissão oral – e no repasse hereditário de informações, rock e metal em Montes Claros têm uma história diretamente ligada com a possibilidade de consumo musical, com a reprodução e ressignificação de elementos advindos de outras partes do mundo e com uma prática musical que sonoramente, iconograficamente, socialmente se assemelha com outras ao redor do mundo. Sendo assim, a cena do rock/metal em Montes Claros se vale de uma perspectiva globalizada de música, de informações que circulam em fluxos globais (Slobin, 1992). Mas ela vai além da circulação de informações em fluxos translocais e chega à circulação de pessoas nesses mesmos fluxos. Dessa forma, a história do rock na cidade de Montes Claros não se liga apenas à mera “chegada” de fonogramas aos montes-clarenses, mas também a montes-clarenses que passaram a busca-los em outras cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Parentes de pessoas que viviam na cidade e que as visitavam também foram responsáveis pela difusão de gêneros musicais como o rock. O cinema também foi responsável por parte dessa difusão.

Desses processos surgem as primeiras bandas, no final da década de 1950. Contudo, ainda não se tratam de bandas de rock propriamente ditas, mas de grupos que tocavam em bailes e que incluíam o gênero em seu repertório, ao lado de boleros e outros ritmos dançantes, principalmente. A primeira banda só aparece em finais da

década de 1960, no caso, a Brucutus, dedicada a execução do repertório dos Beatles e das músicas da Jovem-guarda. Não buscavam executar apenas o que era tal movimento na perspectiva sonoro-musical, mas também no uso de roupas, penteados, corporalidades e vocabulário da época.

Já na década de 1970, aparecem as bandas ligadas com o Revival, cujo repertório da banda Creedence Cleanwater é marcante, assim como o Punk britânico. Nessa época, os principais expoentes foram, respectivamente, The Wilds e Alucard.

Como foi mostrado anteriormente, o fluxo de pessoas é extremamente importante para que se conceba a ideia de uma cultura mundializada (Ortiz, 2006). E, em se falando da história do rock em Montes Claros, houve uma pessoa cuja presença foi marcante para que a cena se consolidasse. Trata-se de Eltomar Santoro. Chegado de Belo Horizonte por volta de 1986 e ligado ao universo do Punk Hardcore, ele foi um dos principais organizadores de uma série de shows que ajudou a consolidar o movimento rock em Montes Claros. O Rock da Cidade foi um festival que aconteceu em seis edições e que fez com que uma cena dispersa, com bandas e públicos variados se juntassem em movimentações maiores, capazes de enfrentar o fato de serem minorias em relação a outras manifestações. Foi a partir daí que se encontravam cartazes nas ruas, que os fãs e músicos mostravam mais abertamente ao que se propunham.

Vale lembrar que antes do Rock da Cidade era difícil conseguir um espaço para a realização de shows em Montes Claros. Os eventos aconteciam – em sua maioria – de forma improvisada, em casas e às vezes em parques e locais pouco frequentados, ao redor da cidade.

Tinham shows improvisados, a gente montava a aparelhagem, e fazia no fundo de uma casa. Rock não tinha espaço, não era uma coisa aceita. (...) Então os espaços que tinham eram garagens, meus avós não gostavam quando a gente ensaiava lá em casa. Num momentinho que saiam os pais a gente tocava. A gente ia às vezes pro mato, nem tinha parque do Sapucaia ainda, tocar acústico. Improvisava, qualquer lugar servia, inclusive a praça da matriz serviu de palco durante muitos anos, lá a gente encontrava, aí começou o povo fumar demais, tomar droga demais, aí barrerou (Bob Marcílio, 12/08/2008).

Com a movimentação da década de 1980 e com o Rock da Cidade, os locais para shows começaram a aparecer com mais frequência e um campo prolífico para o aparecimento de bandas se formou. Assim, surgiram grupos como: Clamídia, Ian, Estrutura Metálica, Capiroto, Anestesia Geral, Língua Solta, Zona Proibida, Novo Estado.

Já a década de 1990, a princípio, gozou de certo “prestígio” da década de 1980. Alguns espaços que antes não eram disponíveis passaram a abrigar eventos de rock,

produzidos, em muitos casos, pelo próprio poder público. Foi o caso da Festa do Pequi – voltada para um fruto do cerrado bastante consumido na região – que tinha uma tarde do rock e da Feira de Artesanato da Cidade em que várias bandas de apresentavam em shows agendados. Uma grande quantidade de bandas cover apareceu nessa época, voltada para espaços como esses e para festas em casas, garagens, estacionamentos, entre outros.

Essa situação supostamente “favorável” se mantém até a consolidação de outro movimento: o metal. Apesar de já praticado por algumas bandas e consumido por muitas pessoas, o movimento só aparece em meados da década de 1990, de dentro da cena do rock. Na verdade, algumas bandas que tocavam punk hardcore passaram para o metal, agregando assim um público peculiar.

Os rocks de garagem, muito populares na época e grande reduto para as pessoas que integravam essas comunidades começaram a se tornar hostis, graças ao público dos shows de metal, conhecidos – por externos ao movimento – como Capapretas. Essas pessoas se vestiam de preto, usavam coturnos e criaram um movimento dentro da cena do rock que era mais fechado, ligado quase que exclusivamente às bandas de metal, em específico as do meio thrash/death/black metal. Se mostravam de forma agressiva e tinham opiniões radicais. Com isso o rock perdeu alguns espaços, por ser mais hostilizado na cidade. Dessa forma, apesar dos shows de garagem perdurarem por mais tempo, a cena do rock perdeu bastante espaço e a quantidade de eventos caiu drasticamente. Mesmo assim, não se pode dizer que a cena cessou sua existência.

Segundo Carvalho:

O cessar de alguns eventos que contemplavam o *rock* em suas programações não faz com que ele seja extinto de Montes Claros. Para tal, serão expostos dois motivos considerados cruciais. O primeiro é que, apesar da hostilização constante das bandas e das pessoas que compõem a cena do *rock* em Montes Claros, os eventos não deixaram de acontecer. Como já dito, de forma mais “marginalizada”, eles ficaram basicamente confinados em bares e boates, além das garagens e estacionamentos privados (Carvalho, 2011: 84).

Além desse primeiro argumento:

(...) a prática musical do *rock* em Montes Claros não se limita aos eventos e às bandas, mas se expande no horizonte da formação individual do público que compõe a cena. O que se ouve, o que se compra e se usa como representação também compõe o ideário musical das pessoas. Os eventos são uma consequência dos gostos, das afinidades e da necessidade de convivência e troca de experiências dessas pessoas. Sendo assim, o *rock* não se torna ausente em Montes Claros após sua fase de inserção nos grandes eventos da cidade, por volta do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. O que acontece é que sua prática muda drasticamente de foco e de espaço (idem: 86).

Sendo assim, vale dizer que a cena do rock/metal em Montes Claros se manteve, mesmo que de forma mais tímida que antes. Essa situação se mantém até o ano de 2006, quando uma nova onda de concepções e atividades surge na cidade. Trata-se das instituições e iniciativas em apoio ao rock em Montes Claros. A Associação do Rock de Montes Claros e Região, o Coletivo Retomada, O Plug! e o Instituto Geraes, mais outros grupos como o Espaço Garotas do Rock e fanzines e webzines como o Uhu, Sertões, Possilga, entre outros deram uma nova dinâmica à cena. Nesse momento e graças a essas iniciativas, a quantidade de eventos aumentou consideravelmente, bem como a quantidade de espaços disponíveis. O reflexo da influência desses meios se deu de várias formas.

Vale dizer que essas iniciativas tinham uma ideologia em comum, pautada em concepções de natureza mercadológica. Instaurou-se na cena a ideia de que o rock e o metal em Montes Claros pertenciam a um meio underground e, por isso, deveria se ligar a modos de produção, difusão e distribuição alternativos. Sendo assim, considerando que a grande maioria dos shows era realizada por essas iniciativas, as bandas da cidade aderiram a essa lógica. As bandas começaram abandonar a ideia do cover e passaram a compor as próprias músicas. Elas começaram a gravar os próprios CDs, DVDs e videoclipes. Faziam divulgação por meios alternativos, por essas iniciativas e pelo ciberespaço. Todo esse movimento, apesar de ideologicamente circunscrito proporcionou o surgimento de várias bandas, como a Soprones, At-4, Feeble, Umeazero, Sofia, Locus, Locked Side, Quatro de Copas, Ruído Jack, Gritare, Gory Stage, Panzerfaust, Impalement in Mordor, Exorcista, entre muitas outras.

## **Uma Prática Cosmopolita?**

Estar em uma comunidade que se pauta em fluxos globais de comunicação pode acarretar em situações de transformações culturais situadas. É nesse sentido que Thompson fala de “afastamento simbólico”:

Como deveríamos entender o impacto social da apropriação localizada dos produtos globalizados da mídia? Quero enfatizar aqui um aspecto chave deste processo. Quero sugerir que a apropriação do material simbólico globalizado envolve o que descreverei como a acentuação do simbólico distanciamento dos contextos espaço-temporais da vida cotidiana. A apropriação dos materiais simbólicos permite aos indivíduos se distanciarem das condições da vida cotidiana – não literalmente, mas simbolicamente e imaginativamente. Os indivíduos podem conceber, ainda que parcialmente, maneiras de viver e condições de vida totalmente diferentes das que eles experimentam no dia-a-dia. Podem ter alguma concepção de regiões do mundo muito distantes de seus próprios contextos geográficos (Thompson, 1999: 156).

Assim, a apropriação de informações – inclusive musicais – que se processa em meios como a cena do rock/metal em Montes Claros se mostra como a condicionante para a constituição de uma comunidade que se auto define de maneira diferenciada frente ao local em que se encontra, ao mesmo tempo em que busca se situar nesse mesmo local. Tal aspecto é evidenciado, no caso do rock montes-clarense, por falas de pessoas que entendem essa comunidade como parte da “cultura” – numa perspectiva política – de Montes Claros. Isso também se mostrou reflexo em diversas incursões, sobretudo na atualidade, de divulgação de materiais e na busca de novos públicos para a cena, denotando uma perspectiva mercadológica, distintiva e, ao mesmo tempo, inclusiva.

Assim, entendem-se tais processos como reflexos da ideia de globalização. Contudo, há quem traga ressalvas para essa noção, como é o caso do etnomusicólogo Thomas Turino (2003). Para ele, a globalização, no sentido literal da palavra, é algo que ainda não foi alcançado. Na verdade, essa noção é utilizada como uma generalização advinda da “globalização” do capital, principalmente. Em oposição a essa perspectiva, ele apresenta algumas categorias que se valem desse fluxo translocal de informações e pessoas. Entre elas ele insere a noção de formações cosmopolitas:

Como todos os grupos culturais, formações cosmopolitas são definidas por constelações de concepções éticas, estéticas, práticas, tecnologias, objetos e estilo social – hábitos e recursos para se viver. Como todas as formações culturais, formações cosmopolitas específicas passam a existir através de processos básicos de socialização: em uma determinada família e em redes sociais particulares. (...) A conceitualização do cosmopolitismo como um tipo de formação cultural, ou seja, envolvendo processos de socialização e compreendendo disposições internalizadas e compartilhadas, é fundamental para sua utilidade como um termo analítico<sup>iii</sup> (Turino, 2003: 61).

Considerando as afirmações feitas na seção anterior frente aos conceitos supracitados, pode-se dizer que os dados apresentados sobre o rock/metal em Montes Claros indicam uma cena que vive uma dinâmica conflituosa nas suas estruturas internas e em relação a outras manifestações e comunidades. O rock e o metal na cidade viveram momentos em que ora tinham certo “apoio” do poder público, ora se viam hostilizados por vários motivos e conflitos.

Na verdade, essa cena vive uma realidade dinâmica, mas que apresenta em suas estruturas alguns reflexos de uma cidade que está em constante modificação. A representatividade que a cidade possui nas manifestações da cultura popular não é suficiente para que todos os habitantes de Montes Claros se sintam incluídos e “montes-clarense”. Dessa forma, como já foi dito, aí estão as pessoas que não se incluem, ou mesmo aquelas que se sentem parte de outros meios que se integram a movimentos

ligados com a ideia de consumo musical, pautado em informações que circulam em escala translocal, mundializada. Como também já foi dito, não apenas o fluxo de informações marca o surgimento de tais comunidades, mas também o de pessoas. Há uma grande quantidade de pessoas que não nasceram em Montes Claros, mas migraram para a cidade. Clayton, vocalista da banda Vomer, nasceu na cidade de São Paulo e se mudou para Montes Claros durante a adolescência. Em entrevista ao autor deste trabalho, ele disse se sentir “no inferno” ao chegar à cidade e não encontrar o universo musical a que estava acostumado. Contudo, foi em Montes Claros que ele encontrou pessoas em situações que se assemelhavam à sua e de seu irmão, possibilitando assim sua prática musical, inviável em sua cidade natal.

Dessa forma, considerando os argumentos apresentados, parece evidente que em Montes Claros, no caso da cena do rock/metal, surge uma comunidade pautada em aspectos ligados com o que se chama de globalização, entendendo que tal fenômeno – ou processo – indica o surgimento de uma comunidade que compartilha de informações que seguem em um fluxo de escala mundial. E isso é fato. A sonoridade do rock e do metal produzido em Montes Claros é pautada em parâmetros sonoro-musicais advindos de bandas e comunidades musicais de outras partes do mundo, como Estados Unidos, Inglaterra, Noruega, Alemanha, entre outras.

Iconografias, figurinos, vocabulários, algumas ideologias, temáticas presentes em letras de músicas, entre outros elementos marcam a relação da cena com esse circuito musical cosmopolita. Bandas de thrash e death metal, por exemplo, apresentam temáticas comuns com as músicas de bandas internacionais, sempre apocalípticas, pessimistas. A sonoridade distorcida, em alto volume segue característica nesse meio. A formação instrumental das bandas também é comum, geralmente constando de baixo, guitarras, bateria e vocais. No caso de grupos de metal, pode ocorrer o uso de técnicas como o gutural e screaming, contribuindo para a sonoridade distorcida. Tudo isso é ambientado em um meio tecnológico de aparelhagem de amplificação, microfones, pedais, cabos, captadores, etc. Roupas escuras, coturnos, botas, tênis e calças rasgadas, cabelos longos, tatuagens são recorrentes em músicos e públicos que frequentam eventos de rock e metal.

A ideia de consumo musical também se mostra bastante recorrente. Contudo, mais do que mera cópia do que vem de outros locais, percebe-se um processo de significação peculiar à cidade de Montes Claros, à cena em que o rock e o metal são praticados. Assim, a fonte da qual a comunidade estabelece suas bases e as desenvolve

em um contexto peculiar ao local em que se insere é pautada no consumo de materiais musicais. A princípio, mais do que um processo de dominação cultural, o que se vê é um reflexo do fluxo de pessoas e de informações em escala global (Ortiz, 2006; Slobin, 1992) na cidade de Montes Claros. Além do mais, “de uma perspectiva etnográfica, é óbvio que as pessoas não consomem símbolos passivamente, mas escolhem ativamente materiais simbólicos disponíveis e os usam para construir suas próprias identidades<sup>iv</sup>” (RUUD, 2007: 37). A ideologia dual, portanto, do consumo de materiais musicais e da produção underground vem dessa relação. Assim, “de forma contraditória, essa ‘cultura adolescente-juvenil’ (...) vivenciada por esses grupos de *rock underground* surgiu no próprio interior da cultura de massas, apesar de criticá-la com veemência” (Rosa, 2007: 50).

A ideia de uma formação cosmopolita não parece ser diferente de outras. Contudo, ela leva em consideração o fato de que essas formações compartilham de certo “discurso que projeta os cosmopolitanos como ‘acima’ e independentes de tempos paroquiais, lugares e grupos sociais<sup>v</sup>” (Turino, 2003: 61). Mais do que isso, mas Turino compreende que essas formações, apesar de translocais, não representam a “totalidade”, mas sim grupamentos que se estendem ao redor do mundo, muitas vezes expressos em minorias numéricas e até mesmo políticas.

Sendo assim, pode-se entender, a princípio, a cena do rock/metal em Montes Claros como um grupo que se processa numa lógica cosmopolita, a partir do momento que se vale de concepções culturais e práticas sociais oriundas de uma rede de natureza translocal, pautada no consumo de materiais musicais e numa produção cultural ligada com o consumo, ressignificação e contestação desses parâmetros e relação dessa cena com o local – geograficamente circunscrito – em que essa cena se insere.

## **Considerações Finais**

Este trabalho buscou apresentar, de maneira geral, aspectos que denotem a natureza cosmopolita de um grupamento social em uma cidade ao Norte de Minas Gerais, no caso, a cena do rock/metal de Montes Claros. Apresenta-se aqui um modelo de sociedade peculiar, mas recorrente, ligado com o fenômeno de comunicação de massas, da indústria cultural e de sua contraparte underground. “Portanto, ao falar de nossas sociedades modernas-industriais-capitalistas (...), estarei falando de um tipo de cultura que é produtora ou receptora assídua da indústria cultural” (Rocha, 1995: 37).

Entretanto, para compreender situações como a apresentada aqui, faz-se necessário considerar outros aspectos, de natureza mais pormenorizada. Como afirma Rocha (1995), compreender os fenômenos midiáticos numa perspectiva etnográfica pode ajudar na percepção de uma sociedade, de uma comunidade que se manifesta de forma idiossincrática, apesar de ligada a aparatos culturais cosmopolitas. Para Canclini é importante “analisar quais são as consequências políticas ao passar de uma concepção vertical e bipolar para outra descentralizada, multideterminada das relações sociopolíticas” (Canclini, 2008: 345). Para tanto, deve-se entender que esses fenômenos ditos cosmopolitas têm reflexos distintos nos locais em que são presentes. Dessa forma, a cena do rock/metal em Montes Claros se apresenta como um meio específico, com resultados distintos, oblíquos, diferenciados no tocante a influência do que se é consumido e ressignificado. Isso se dá pelo fato de que o local apresenta estruturas, poderes, concepções, lógicas e pessoas que o compõem como próprio.

Além disso, não há como perceber o rock e o metal como gêneros musicais estanques, monolíticos, mas como manifestações voláteis, dinâmicas mutáveis e altamente multifacetadas em suas estruturas internas. O rock – e o metal –, portanto, é “babélico, também é o nome de uma série prodigiosa de diferenças, cada uma delas assinalando distinções no estilo musical, na auto-imagem, nas posturas corporais, no vestuário, no vocabulário, nas opções políticas e morais e no *ethos* de seus fãs e criadores” (Rosa, 2007: 16). Entender a cena montes-clarense é compreender que as informações que circulam ao redor do mundo são, por sua vez, elementos que só em parte, são condicionadores de uma comunidade musical, composta por músicas únicas, lógicas únicas, pessoas únicas.

## Referências

- Bob Marcílio, 2008. Entrevistado pelo autor. Gravação de uma faixa de áudio.
- Canclini, Néstor Garcia, 2008. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp.
- Carvalho, Tiago de Quadros Maia. 2011. *Lord Of Hell: a prática musical da banda Vomer na cena do rock/metal em Montes Claros-MG*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Música da UFBA, Salvador.
- Ortiz, Renato, 2006. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Rocha, Everardo, 1995. *A Sociedade do Sonho: comunicação, cultura e consumo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad.

Rosa, Pablo Ornelas, 2007. *Rock Underground: uma etnografia do rock alternativo*. São Paulo: Radical Livros.

Ruud, Even, 2007. *Music in the Media: the soundtrack behind the construction of identity*. <http://you.sagepub.com>, Consulta: 05/2007.

Slobin, Mark, 1992. "Micromusics of The West: a comparative approach". *Ethnomusicology*, vol. 36, n 1: 1-87.

Thompson, John, 1999. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes.

Turino, Thomas, 2003. "Are We Global Yet? Globalist discourse, cultural formations and the study of zimabwean popular music". *British Journal of Ethnomusicology*, vol. 12, n 2: 51-79.

Ulhôa, Martha Tupinambá, 2000. "Música Romântica em Montes Claros: inter-gender relations in Brazilian popular song". *British Journal of Ethnomusicology*, vol. 9, n 1: 11-40.

Yúdice, George, 2006. *A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global*. Trad Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG.

---

<sup>i</sup>Musical tastes in Montes Claros articulate with the changing role of music in a changing social context. As its varied population experienced a shift from a rural and traditional context to an industrialized and modern one, the venues for musical practices and social interaction changed from serenades and saraus, to promenading (footing) and balls, and then to bars and pizzerias. Musical preferences switched from modinhas and waltzes to boleros and samba-canção, then to musica sertaneja, rock brasileiro and musica romântica.

<sup>ii</sup> Cosmopolitan formation.

<sup>iii</sup> Like all cultural groups, cosmopolitan formations are defined by constellations of conceptions, ethics, aesthetics, practices, technologies, objects and social style - habits and resources for living. Like all cultural formations, specific cosmopolitan formations come into being through basic processes of socialization: in a given family and in particular social networks. (...)The conceptualization of cosmopolitanism as a *type of cultural formation*, i.e.. involving processes of socialization and comprising *shared* internalized dispositions, is fundamental to its usefulness as an analytical term.

<sup>iv</sup> From an ethnographic perspective, it is obvious do not passively consume symbols, but actively choose from available symbolic materials and use them to construct their own identities.

<sup>v</sup> The discourse projects cosmopolitans as "above" and independent of parochial times, places and social groups.

## Nota Biográfica

Tiago de Quadros Maia Carvalho (Montes Claros, 1985) é doutorando em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia e mestre pela mesma instituição. É especialista em Educação Musical (Lato Sensu) pelas Faculdades Santo Agostinho e graduado em Artes – Música pela Unimontes. Suas publicações e pesquisas tangem ao mundo musical urbano, cenas musicais, práticas musicais e globalização, música e tecnocultura, música e cibercultura.